

PAISAGEM E NOSTALGIA: A GEOGRAFIA HISTÓRICA HUMANISTA DE DAVID LOWENTHAL

LOWENTHAL, David. Past Time, Present Place: Landscape and Memory. *Geographical Review*, v. 65, n. 1, p. 1-36, jan. 1975.

Eduardo Marandola Jr.¹

Nascido em 1923, em Nova York, David Lowenthal está nos anais da história da Geografia como um dos herdeiros da tradicional Escola de Berkeley, um dos berços mais dinâmicos da Geografia Histórica estadunidense no início do século XX. Ele foi um dos responsáveis por difundir a maneira muito própria com que aqueles geógrafos trataram o passado: a partir de uma perspectiva eminentemente culturalista.

Fez seu mestrado na University of California sob orientação de Carl Sauer, doutorando-se em História na University of Wisconsin-Madison, em 1953, sob a orientação de Merle Curti. Além da perspectiva da paisagem cultural de Carl Sauer, foi muito influenciado pela perspectiva geosófica de John K. Wright, a qual ele ampliou e desdobrou de diferentes formas ao longo de sua longa carreira.

Isso aconteceu exemplarmente quando Lowenthal, em 1961, publica seu célebre artigo sobre imaginação, experiência e epistemologia da geografia (Lowenthal, 1961; 1982), resgatando a inspirada instigação de Wright de busca pelas *terrae incognitae* na imaginação (as “geografias mentais”), contribuindo de maneira decisiva para o movimento que estava em gestação e que ficou conhecido mais tarde como Geografia Humanista (Holzer, 2016).

No entanto, é em seu livro mais conhecido, “The past is a Foreign Country”, original de 1985 (que recebeu uma substancial reedição revisada em 2015), que ele desdobra de maneira profunda e sofisticada o potencial da geosofia para a compreensão do passado, no contexto da memória cultural e do patrimônio, atentando-se para o papel dos valores e significados culturais e subjetivos na construção da percepção de lugares, paisagens e tempos.

Suas obras são marcadas por uma perspectiva histórica voltada para a construção de valores, na articulação entre experiências individuais e coletivas, bem como influências distintas como a do historicismo culturalista, da

¹ Professor da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). ejmjr@unicamp.br.

✉ Faculdade de Ciências Aplicadas, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Rua Pedro Zaccaria, 1300, Limeira, SP. 13484350.

Paisagem e nostalgia: a Geografia Histórica Humanista de David Lowenthal
Eduardo Marandola Jr.

psicanálise, do estruturalismo e da nova história, compondo assim uma geografia histórica humanista e cultural, muito particular e com potencial especialmente para os debates em torno do patrimônio, campo em que se tornou referência.

Dentre suas obras, seminais e importantes para os estudos de Geografia Histórica e de patrimônio, estão “The heritage crusade and the spoils of History”, de 1996, e “Georges Perkins Marsh: Prophet of Conservation”, uma ampliação e aprofundamento de sua tese de doutorado, publicada quase 50 anos após sua defesa (Lowenthal, 1996, 2000).

Sua carreira se desenrolou no Reino Unido, como professor do Departamento de Geografia da University College London, onde foi reconhecido por suas contribuições aos estudos de patrimônio, tendo atuação destacada na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e nos grandes debates referentes às relações entre passado, cultura e paisagem.

O texto que ora apresento, foi publicado em meados dos anos 1970, e contém ideias que viriam a ser desenvolvidas posteriormente em “The past is a foreign country”. No artigo, Lowenthal parte da nostalgia, examinando como esse sentimento revela diferentes sentidos e vínculos em relação ao passado. Esse ponto de partida é utilizado pelo autor para problematizar diferentes sentidos de passado – necessário, valorizado, negado, reconstruído, irrecuperável, ostensivo, alterado, inventado – os quais são encarnados nas paisagens que criamos.

Essa relação paisagem-memória está no centro dos argumentos do autor, o que o leva a afirmar que a forma do Ocidente lidar com o passado necessita da paisagem, deslocando-a de uma posição de receptáculo, ou mero acúmulo, mas evidenciando-a como expressão das diferentes formas com que presentificamos o passado. Dito de outra forma: a paisagem, como artefato cultural, é construída mediante os diferentes sentidos de passado, e por isso tal perspectiva desnaturaliza a paisagem e, por consequência, a própria noção de patrimônio.

O texto toca fundo a tensão tradição-modernidade, sem recorrer a qualquer maniqueísmo valorativo. O fascínio pelo passado é problematizado como parte do presente, não do tempo valorizado (por sua antiguidade, singularidade, raridade, etc.). No entanto, diferente dos lugares que mesmo remotos, podem ser acessíveis, Lowenthal afirma que aquilo que está distante no tempo está efetivamente inacessível. Assim, o tempo presente orienta, para o autor, a maneira como o próprio passado é compreendido e valorado.

Como o texto é dos anos 1970, notamos o retratar de um continente de população envelhecida, em busca do fortalecimento de políticas de patrimônio como forma de manutenção de uma relevância cultural e política que era então questionada. O artigo reflete aquele momento histórico, bem como um esforço por ressignificar a própria

Paisagem e nostalgia: a Geografia Histórica Humanista de David Lowenthal
Eduardo Marandola Jr.

relação do velho continente com o passado, nas reorganizações geopolíticas e culturais que marcaram a segunda metade do século XX. Em termos históricos, documenta uma época, e em termos metodológicos, apresenta um estilo refinado de escrita que reflete amplo domínio de vários campos (das artes às ciências), sendo valioso sob diferentes pontos de vista.

Ter essa tradução é certamente um deleite para diferentes públicos interessados nas interfaces da Geografia com a História, das geografias humanistas e culturais, bem como dos debates em torno do patrimônio. Lowenthal tem uma obra que, além de ser importante entre historiadores, arquitetos, urbanistas e geógrafos no Brasil, inspira e resguarda diálogos potenciais com diferentes temas contemporâneos.

REQUIEM

Lowenthal partiu em 2018, e com ele um tipo de Geografia Histórica que cruzou o Atlântico e produziu uma abordagem muito própria na Europa, reforçando os múltiplos atravessamentos que a paisagem, como encarnação do passado, oferece para o pensamento.

Quem também faleceu antes de ver esse texto publicado foi seu tradutor, Thiago Gonçalves Rodrigues, a quem tive o prazer de orientar por anos. Ele se esmerou na tradução desse texto, finalizando-a quando Lowenthal ainda estava vivo. Seu falecimento repentino em 2022 interrompeu sua trajetória de professor e pesquisador. Não tive oportunidade de prestar-lhe nenhuma homenagem, assim, deixo a publicação de sua bela tradução como ode à sua memória e aos sentidos que sua presença marcou na paisagem de nossa Geografia. ☹️

REFERÊNCIAS

HOLZER, Werther. **A geografia humanista** – sua trajetória 1950-1990. Londrina: Eduel, 2016.

LOWENTHAL, David. Geography, Experience, and Imagination: Towards a Geographical Epistemology. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 51, n. 3, p. 241-260, 1961.

LOWENTHAL, David. Geografia, experiência e imaginação: rumo a uma epistemologia geográfica. In: CHRISTOFOLETTI, Antonio (Org.). **Perspectivas da geografia**. São Paulo: Difel, p. 15-40.

LOWENTHAL, David. **The past is a foreign country**. New York: Cambridge University Press, 1985.

Paisagem e nostalgia: a Geografia Histórica Humanista de David Lowenthal
Eduardo Marandola Jr.

LOWENTHAL, David. **The heritage crusade and the spoil of history**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

LOWENTHAL, David. **The past is a foreign country – Revisited**. New York: Cambridge University Press, 2015.

LOWENTHAL, David. **George Perkins Marsh: Prophet of Conservation**. Seattle: University of Washington Press, 2000.